

30.1.61

A CRÔNICA de Rubem Braga

DEFESA NACIONAL

Um problema que todo Presidente da República tem procurado ignorar, mas que é bom mexer com êle sempre que há mudança de governo: nosso orçamento de defesa.

Gastamos com as forças armadas uma percentagem despropositada de dinheiros públicos. Ficamos com muito pouco, excessivamente pouco, para as grandes obras necessárias ao nosso desenvolvimento econômico. Ora, toda gente sabe — e não há nenhum soldado moderno que também não saiba — o poderio militar de um país depende de seu poderio econômico. Isso não apenas pela sua capacidade de fabricar armas e prover as forças militares de tudo o que precisam; também pela facilidade de formar quadros. Um povo doente e ignorante não pode fornecer elementos em quantidade e qualidade desejáveis, em caso de guerra. O número de cidadãos recusados pelos nossos serviços de saúde militares é impressionante, apesar dos critérios tolerantes que êles adotam. O nível tristemente baixo de educação impede que se formem com facilidade homens capazes de fazer a guerra moderna, que exige, digamos assim, muita mão-de-obra especializada.

Não seria mais inteligente gastar menos com as forças armadas e mais com educação, saúde, transporte, energia?

E o pior não é isso. O pior é que, apesar de gastarmos tanto com as Forças Armadas, estamos sempre... desarmados. Não sou eu quem o diz, são os próprios chefes militares, sempre a clamar que estamos desparelhados, que é urgente reequipar nossas tropas. Os engenhos de guerra modernos são tão caros que, mesmo na hipótese absurda de queimar toda a receita da União nas pastas militares, ainda assim estaríamos desparelhados.

Ora, é urgente repensar todo o problema da defesa nacional. Será que não temos chefes militares com categoria intelectual bastante para enfrentar corajosamente êsse reexame geral de nosso problema de defesa? Que não se limitem a raciocinar em termo de Exército, de Marinha ou de Aeronáutica e se arrisquem a pensar em termos de Brasil? Onde estão os homens que passarão pela Escola Superior de Guerra — e que diabo aprenderam lá, que não nos dizem nada, não nos ensinam coisa alguma, não arriscam uma palavra sequer para denunciar êsse absurdo de nosso caríssimo, de nosso ruinoso e entretanto, inadequado e fragilíssimo aparelhamento de defesa?

O problema é êste. Pode-se fazer de conta que êle não existe; e é o que se tem feito. Mas quando chegará a hora de falar francamente?